

# Maria Filomena de Gouveia Vilela, sofrer de poesia

Mena Vilela é mineira. Nasceu em 1961, na cidade de Prata. Passou a infância na Fazenda do Bugre, seu principal território poético. Sempre gostou de ler. De vez em quando, arriscava algumas palavras. Manoel Bandeira, Cecília Meireles. Depois vieram Carlos Drummond de Andrade (a “grande paixão”), João Cabral de Melo Neto, Murilo Mendes, Cora Coralina, Adélia Prado, Mário Quintana, Paulo Leminski, Manoel de Barros e Orides Fontela. Começou a escrever, regularmente, a partir de 1995. Tem dois livros virtuais e, em 2007, publicou, em conjunto com Eliane Gouveia, o livro “Poema a Quatro Mãos”. Tem alguns poemas publicados em Antologias Poéticas, e possui o blog [menavilela2.blogspot.com.br](http://menavilela2.blogspot.com.br) para divulgação dos seus trabalhos. Mora em Campinas desde 1997, cidade escolhida para fazer a pós-graduação em Saúde Coletiva, na FCM. Atualmente, é professora na Faculdade de Enfermagem da Unicamp. Tem um filho e um neto. Às vezes, sofre de poesia.



## Escavação ou mina de palavras

Preciso voltar a ler

Manoel de Barros, voltar a dar valor ao quase nada.

Cada gole de palavras e me embebedo de infância.

Eu havia perdido a minha terra, mas ela ainda estava lá com seu coqueiro único balançando no quintal ao sol frio de seis da tarde.

Minha pena vai mergulhar nesse poço de memória em busca de imagens, sons e cheiros vai varar essas coisas

até não ter mais fim...  
a poesia escoo de lá e vem vindo através do vento...  
às vezes eu a sinto balançar aquele coqueiro, brincar de fazer eco em cima da serra, descomtemplar as nuvens rápidas tons do fim do dia, arroxeados, vermelháticos amareláveis do entardecer, olhar a quietude do mato ao longe e as vacas, meu Deus... a quietude delas é falsa o ruminar ansioso o olhar prepotente e manso... eu colocava o dedo nos seus olhos mortos e úmidos, quando os meninos já podiam se aproximar do corpo tombado; colocava a mão na quentura dos músculos trêmulos, sentia a camada fofa de vento e sebo, entre o couro e a carne.



### **Natureza Viva**

Confusão noturna  
rato na boca da gata  
ciclo da vida



### **Maturidade**

Alma leve  
feita a lição de casa  
encerramento de ciclo

### **Anatomia**

Tenho um sertão  
dentro de mim  
que teima em vazar.

Tenho um coração  
cambeta, que  
tropical quando  
insisto em correr  
atrás de sustos e  
emoções que a  
vida me prega.

Tenho vísceras  
torcidas pelo fel,  
às vezes falta-me o ar.

O que entra  
pela pele  
poros cabeça  
entranhas são  
cheiros de manga,  
coaxar de sapos  
estrelas nos vãos  
das paredes,  
som do berrante  
insistente na dor  
e saudade.



Se você escreve, mande seus poemas,  
contos ou crônicas para [imprensa@fcm.unicamp.br](mailto:imprensa@fcm.unicamp.br)